ISBN 978-85-7727-518-2

INTERPRETAÇÕES DE DOCENTES EM RELAÇÃO À PRÁTICA DE PESQUISA EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Lucas Henrique Palioza
Mateus Lorenzon[1]
Morgana Domênica Hattge[2]

Resumo: A educação constantemente é alvo de profundos debates. Avaliações periódicas apontam a falta de qualidade no ensino e consequentemente sugestões de melhorias surgem, implicando na modificação das metodologias e hábitos estratificados na cultura escolar. Com isso, a busca de novos métodos de ensino que aperfeiçoem a educação tornou-se essencial. Porém, nem sempre modificações metodológicas no ensino são aceitas prontamente pelos educadores, pois a desorganização causada pela ruptura na inércia do planejamento escolar parece conduzir a educação ao *caos*. Nesse cenário, a pesquisa, antes restrita às academias e aos mestres, surge como uma das propostas de reformulação do ensino. Contudo, as mudanças são graduais e sabemos que muitos professores são resistentes a sua adoção, pois acreditam não *encaixar-se* na escola, justificando assim a continuidade do rito desnecessário à escola contemporânea. A presente pesquisa buscou analisar a prática de professores da educação básica, com o objetivo de constatar como a pesquisa vem sendo inserida no contexto escolar que mudanças vem causando nesse ambiente e quais modificações ainda são necessárias para que as escolas tornem-se centros de produção e ressignificação do saber. Nota-se que a introdução dessa forma de trabalho em escolas de educação básica, vem causando profundas reestruturações no ambiente escolar, mesmo que ainda há necessidade da instituição escolar e dos seus mantenedores possibilitarem reorganizações profundas para que a pesquisa seja adotada e integre-se à realidade escolar, permitindo a manifestação da heterogeneidade dos seus integrantes e de suas singularidades individuais, prezando assim a autonomia e cooperação dos educandos.

Palavras-chave: Pesquisa. Pesquisa escolar. Práticas de ensino.

INTRODUÇÃO

Todas as sociedades depositam na educação expectativas, esperam que ela seja responsável pelo seu progresso tecnológico, científico e econômico. Devido a isso, ela está constantemente sendo avaliada, objetivando medir a sua qualidade e a qualidade do que está sendo ensinado e diagnosticando mudanças necessárias nos conteúdos a serem ensinados. Por tradição, a escola parece não ser um espaço passível ao erro, mas no *não poder errar*, está oculta a ideia de não poder produzir (o que é bom já foi produzido), resta apenas transmitir ou fazer pequenas ressignificações ao conhecimento (restrita às academias). Nas últimas décadas, o discurso em torno da educação foi modificado, novos recursos começam a ser implantados na escola, o papel do professor como centro do sistema de ensino está sendo deslocado para o aluno, passamos a questionar os fundamentos do conhecimento e a sua relevância aos estudantes. Um novo cidadão é necessário, e a escola começa a ser adaptada a fim de *produzi-lo*.

O papel do aluno, seus interesses e a significação do saber, estão sendo transformados em mandamentos sacramentados da educação e com isso as práticas docentes vêm tendo que adequar-se a esse novo embasamento da qual a escola está sendo revestida. As velhas críticas marxistas e o conservadorismo liberal perderam espaço para tendências que envolvem complexos estudos da sociedade pós-moderna, revisões de estudos da filosofia moderna, envolvendo questões de caráter ético e aos recentes avanços nas áreas de neurociência, que possibilitam uma avaliação de ótica diferenciada sobre a aprendizagem e ao conhecimento.

Uma das experiências que ganha maior notoriedade, pelas expectativas que gera, é a introdução da pesquisa no ambiente escolar, que além de objetivar a autonomia dos estudantes e a ressignificação do saber, estimula a constante atualização e a habilidade de análise, julgamento e refutação da informação. Algo extremamente necessário, uma vez que somos varridos por um turbilhão de informações diariamente e necessitamos saber agir sobre essas informações, pois ao contrário nos transformaríamos em receptores passivos e submissos.

A pesquisa se apresenta como prática promissora, por favorecer a descentralização do ensino, fazendo com que o estudante torne-se protagonista ao mesmo tempo em que é dotado de responsabilidades sobre seu próprio aprendizado.

Nosso objetivo, com o presente trabalho, é investigar como as práticas docentes estão sendo influenciadas pela pesquisa e nos casos de influências positivas quais dificuldades estão sendo encontradas pelos educadores.

1 Univates, Pedagogia, email: mateus_novabrecia@hotmail.com

2 Professora-orientadora. Mestra em Educação, professora da Univates, email: morganahdomenica@yahoo.com.br

ISBN 978-85-7727-518-2

METODOLOGIA

Tendo como público alvo professores da educação básica, elaboramos uma pesquisa de caráter qualiquantitativo, respondida na forma de questionário por 15 professores de quatro instituições de ensino distintas. Almejando qualificar as respostas, quatro professores aleatoriamente escolhidos foram entrevistados.

EXPOSIÇÃO DE DADOS E ANÁLISE

Em sua maioria, os professores questionados afirmam que realizam pesquisa em sala de aula, utilizando-a como forma de ensinar o aluno a buscar suas próprias informações, prezando pela autonomia e a liberdade do mesmo. Os que não realizam, por sua vez, justificam-se dizendo que ela não se encaixa com as necessidades das disciplinas que trabalham. Os professores que dizem optar por não realizar pesquisa, predominante atuam na área de ciências exatas. Uma dos pressupostos que envolvem o ensino da área de exatas na educação básica é que há um *culto* para a certeza que envolve a área, devido à cobrança estabelecida nas avaliações que órgãos governamentais aplicam ou pela predisposição ainda existente de que a ciência possibilita o teste, mas não a contestação devido a sua complexidade, fazendo com que a pesquisa prática que almeje a inovação fique restrita a grandes polos tecnológicos e aos grandes mestres da área.

Mesmo os professores que realizam pesquisa, declaram ter dificuldades na sua realização, sendo que entre as mais citadas destacam-se: o despreparo e desinteresse dos estudantes, causada quase sempre pela introdução tardia a metodologia de pesquisa, as conversas nos momentos de pesquisa e em contrapartida o pouco rendimento do trabalho e o uso de informações de forma indevida, como a retirada de dados da *internet* sem que se atribua a eles as devidas fontes. Embora que o terceiro item seja destacado com menos frequência pelos educadores, ele ganha mais notoriedade, uma vez que a *internet*, conforme o constatado, é o meio mais utilizado nas pesquisas. Os professores destacam também, a indisponibilidade de tempo e consequentemente a necessidade de terem que cumprir os planos de estudo como uma das dificuldades.

A pesquisa tem como proposta dar ao aluno a possibilidade de buscar assuntos de seu interesse. Devido a isso, é importante que no momento que surja o tema de pesquisa ele parta dos interesses dos alunos. Percebemos, porém, que na realidade esse não é o principal cenário. Entre a vontade de aplicar a pesquisa e a necessidade de cumprir um conteúdo programático estipulado, muitos professores sentem a necessidade de elaborarem situações problemas e apresentá-las aos alunos, ou utilizarem filmes e leituras para nortearem os projetos de pesquisa ou sentem-se obrigados a utilizar da pesquisa devido às definições expostas no Projeto Político Pedagógico da instituição. As três práticas totalizam aproximadamente o surgimento de 60% das pesquisas. O restante origina-se através de problematização dos alunos, pesquisa espontânea e pesquisas com base no levantamento de dados do contexto local.

Uma importância relativa que os professores depositam na pesquisa é a sua realização como uma forma de avaliação. Cerca de 50% dos entrevistados afirmam que a pesquisa é organizada com o intuito de avaliar seus discentes. Isso ocorre em função de que no pensamento escolar *de avaliar o certo*, a pesquisa torna-se um instrumento que permite aos alunos a recuperação de suas notas, pois eles terão múltiplas possibilidades de acessar as fontes corretas de informação, como consequência a *facilidade de recuperar as notas*, acaba-se repetindo os índices de reprovação escolar. Em contrapartida, menos de 15% dos entrevistados afirmam que realizam pesquisa periodicamente.

Com relação aos locais onde as pesquisas são realizadas, a maioria dos educadores afirma que realizam na escola, sendo principalmente em bibliotecas e em seguida são citadas as pesquisas realizadas como tarefas de casa, como uma forma de otimizar o tempo. E minoritariamente, são realizadas pesquisas com o objetivo de levantamento de dados (pesquisa oral) e em visitas fora do espaço escolar, sendo que as duas últimas podem ser justificadas pelo investimento financeiro que requerem (muitas vezes indisponível para a escola).

CONCLUSÕES

No momento que um professor escolhe trabalhar com o método de pesquisa, ele enfrenta inúmeros dilemas: escolher os temas de interesse dos alunos ou os eleitos em programas governamentais? Avaliar o certo ou a produção dos alunos? Pode-se ainda notar uma grande diferença existente entre a pesquisa como teoria e a pesquisa como prática, apesar de que sua aplicação vem sendo realizada e constantemente aperfeiçoada. Parte dessa diferença explica-se pela existência de um currículo com conteúdos programáticos, que inibe a escola a segui-lo, sem poder complementar um currículo local.

Essa impossibilidade de criar um saber local e a dificuldade de incluir o local em um contexto global, juntamente com a expectativa de ir à escola para conseguir aprovação no momento de admissão no ensino superior, está criando um terreno árduo para alavancar projetos de pesquisa em escolas.

É perceptível o esforço e o reconhecimento dos professores quanto à essência da pesquisa e seu papel emancipador, porém, a escola não consegue adaptar-se na forma de ser um ambiente propício para o seu desenvolvimento. Profundas modificações nos contextos legais da escola são necessárias, bem como uma reflexão crítica nos conteúdos que devem compor os currículos escolares e quanto às possibilidades de nivelar as escolas para uma avaliação homogênea que ignore a realidade local.

ISBN 978-85-7727-518-2

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** Campinas. Editores Associados, 1997 – 2 ed.

FREINET, Celestiene. **Pedagogia do bom senso.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1991 - 3. ed.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro.** São Paulo: Editora Cortez, 2003.